

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO IV, Nº197 NOVEMBRO – PORTO VELHO, 2005
Volume XIV Setembro/Outubro

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

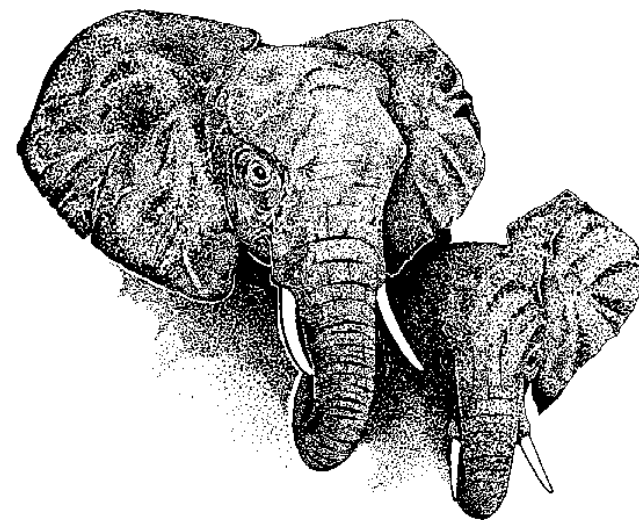
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

197



**PROGRAMAS DE LEITURA: DO PROCESSO
DE ORGANIZAÇÃO ÀS QUESTÕES
TEÓRICO-PRÁTICAS**

Edson Rosa Francisco de Souza



PROGRAMAS DE LEITURA: DO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO ÀS QUESTÕES TEÓRICO-PRÁTICAS

Edson Rosa Francisco de Souza
edsrosa@yahoo.com.br

Apresentação

Este trabalho tem por objetivo apresentar um programa de leitura que possa servir de fio condutor para a elaboração de outros roteiros de atividades didáticas, além de elencar outras questões envolvidas no processo de ensino/aprendizagem. Em termos mais específicos, o nosso objetivo é estabelecer um plano de atividades, a partir de um texto da literatura infanto-juvenil, que seja condizente com a faixa etária, grau de instrução e conhecimento de mundo do aluno, público alvo desta proposta de trabalho.

Diferentemente de outros materiais didáticos, este programa de leitura visa a formar um leitor crítico, capaz de questionar não apenas o comportamento dos personagens presentes nas histórias, como também capaz de criticar, questionar certas atitudes dos mesmos e de se posicionar diante das pessoas que o cercam, como os governantes, o presidente, o vendedor de uma loja que vende um produto com problema; enfim, ser capaz de lutar pelos seus direitos, enquanto cidadão que participa ativamente da sociedade.

Pode-se dizer que uma das tarefas da escola é justamente esta, a de formar um cidadão crítico, capaz de questionar situações que sejam ilícitas e de reconhecer as boas iniciativas, quando são realizadas. Daí, a importância de proporcionar ao aluno um ambiente com condições favoráveis de ensino/aprendizagem. O objetivo maior deste trabalho é o de poder mostrar como é organizado um programa de leitura dinâmico, criativo e construtivo, que visa a uma abordagem progressista e construtiva de uma boa leitura.

Fundamentação teórica

Segundo Kramer (2000), a leitura e a escrita são atividades extremamente importantes no processo de dimensionamento do homem e na sua constituição como sujeito social, enraizado na coletividade. Conforme a autora, a escola que é responsável por esse papel social do aprendiz não o tem cumprido. A leitura na escola se resume a tarefas de sala de aula, em que notas, provas de livros, apostilas com resumos ocupam o tempo e o espaço que poderiam ser destinados à leitura de um bom livro (cf. Kramer, 2000). Pode-se dizer que a aversão pelos textos literários e pela literatura é ensinada na escola, quando esta passa a fazer uso de uma metodologia, que se pode dizer ultrapassada, em termos de resultados com a leitura. Nas palavras de Oliveira (1988), a escola, enquanto um dos organismos da sociedade civil, é o local por excelência para o desenvolvimento do processo de transmissão-assimilação do conhecimento elaborado. Ainda, segundo ela, a prática social global (função da escola) é o ponto de partida e de chegada da prática educativa.

A leitura, conforme Soligo (1999), é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir do que se está buscando nele, do conhecimento que já possui a respeito do assunto, do autor e do que se sabe sobre a língua – características do gênero, do portador, do sistema de escrita. Ninguém pode extrair informações do texto escrito decodificando letra por letra, palavra por palavra. Para a autora, a leitura como prática social é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Por isso, ela tem de ser agradável.

De acordo com a abordagem conservadora, a atuação da escola consiste na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na sociedade. Conforme essa abordagem, o compromisso da escola é com a cultura apenas; os problemas sociais pertencem à sociedade. Já os métodos de ensino utilizados baseiam-se na exposição verbal da matéria e/ou demonstração do assunto. Em geral, nesse tipo de sistema, visa-se muito a resolução de exercícios gramaticais, a repetição de conceitos e fórmulas; a memorização visa a disciplinar a mente e a formar hábitos, isso segundo Libâneo (1983)¹.

No entanto, a nossa proposta de trabalho insere-se em uma abordagem progressista, em que o processo de ensino/aprendizagem parte de uma análise crítica das realidades sociais, que sustentam implicitamente as finalidades sócio-políticas da educação. É diferente da abordagem conservadora, que é muito fixada a descrições gramaticais, à resolução de exercícios e a um posicionamento autoritário do professor, que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre os alunos no decorrer da aula. Nossa proposta objetiva criar justamente um programa de leitura, que seja construtivo, criativo e que possa envolver o aluno no ambiente das histórias, dos contos e das fábulas, de modo a fugir daqueles roteiros direcionados de leitura oferecidos pelos professores para as 5ª e 6ª séries (ensino fundamental), que são amplamente tradicionalistas, fora de contexto e prescritivos.

Segundo Libâneo (1983), o papel da escola na abordagem progressista é o de difundir conteúdos concretos, vivos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais. E isso é o que se pretende com a elaboração deste programa de leitura: propiciar a difusão de conteúdos importantes (conhecimentos das regras da sintaxe da língua, o funcionamento da narrativa, a ortografia das palavras, etc.), concretos, vivos e indissociável da realidade do aluno.

A educação, conforme Snyders (1974) e Saviani (1982, *apud* Libâneo, 1983), deve ser entendida como “uma atividade mediadora no seio da prática social global”, ou seja, uma das mediações pela qual o aluno, via intervenção do professor e por sua própria participação ativa, passa de uma experiência inicialmente confusa e fragmentada (sincrética) a uma visão sintética, mais organizada e unificada. Em outras palavras, pode-se dizer que numa abordagem progressista, passa-se de uma experiência imediata e desorganizada a um conhecimento sistematizado das coisas.

Baseando-nos em Breves Filho (1996), um programa de leitura deve conter subsídios extraídos da análise nos vários níveis do texto. O programa deve privilegiar e esgotar todos os recursos possíveis que o texto apresenta, como forma de compreensão e funcionamento da história, como o tipo de texto lingüístico (narrativo, descritivo e dissertativo), marcadores de tempo (ontem, hoje, amanhã, nunca, etc.), de lugar (na cidade, no campo, no vale da pedra grande, na

¹ LIBÂNEO, J. Carlos. *Tendências pedagógicas na prática escolar*. ANDE, nº 06, Ano 03, 1983. Nossa proposta de elaboração de um programa de leitura insere-se dentro das perspectivas teóricas da Pedagogia Progressista presentes neste texto, trazidas por Libâneo.

clareira, etc.), tipo de discurso (direto, indireto e indireto livre). Para o autor, um bom programa de leitura deve ser desenvolvido com base em atividades do próprio texto abordado para trabalhos e atividades em salas de aula. Porém, Breves Filho faz questão de enfatizar que o tipo de programa desenvolvido por ele não é algo fechado, acabado, assim como o nosso, mas sim passível de uma nova delimitação ou revisão, uma vez que o processo de leitura e interpretação de textos tem espaços para serem preenchidos pela experiência pessoal de cada leitor e/ou professor exposto ao texto.

Depois de realizadas a leitura e a análise do texto em seus diferentes níveis, Breves Filho (1996) destaca algumas sugestões de atividades que podem ser realizadas com base no texto abordado pelo professor². São atividades que propõem a compreensão do texto e o conhecimento dos elementos lingüísticos responsáveis pelo seu funcionamento, como uma leitura silenciosa do texto, para conhecimento dos personagens e dos detalhes da história. A leitura das ilustrações, tentando abstrair os seus sentidos, segmentação do texto, conforme critérios estabelecidos pelo professor e a reescrita da história, invertendo os segmentos para produzir uma história diferente, privilegiando o uso dos mecanismos do discurso direto e indireto livre, como forma de produção de efeito de sentido: objetividade e subjetividade.

Um aspecto que também é levantado por Breves Filho é a importância do significado contido nas ilustrações da história. Segundo ele, a ilustração possui, em geral, três funções:

- a) *descritiva*: ilustração descrevendo animais, pessoas, cenários etc;
- b) *expressiva*: ilustração expressando uma emoção – alegria, espanto, curiosidade, incompreensibilidade, isolamento etc;
- c) *simbólica*: o significado da ilustração não se esgota conforme o que foi representado, permitindo outras interpretações.

Como base teórica para o presente programa de leitura, que ora se apresenta, deverão constar, em seu conteúdo programático, algumas das atividades propostas por Breves Filho (*op. cit.*), sendo complementada por outras mais, propostas por nós, dada a necessidade do tipo de texto abordado e o conteúdo do mesmo.

Alguns aspectos do *Saber Sistematizado* e do *Senso Comum*

² As idéias de Breves Filho serão aproveitadas por nós. No entanto, elas serão complementadas com as atividades propostas por nós, as quais achamos relevantes e que não são trabalhadas pelo autor.

Este programa de leitura difere-se dos demais programas tradicionais, justamente por propiciar a utilização das habilidades do aluno, o seu conhecimento lingüístico e o seu conhecimento de mundo. É diferente de outros programas, que se baseiam apenas em conceitos abstratos do que seja ensinar, criar futuros leitores e do caráter social da escola.

Devemos entender o *Saber Sistematizado* como sendo o saber que o aluno passa a ter acesso, domínio ou conhecimento, após um período de discussão sobre o tema abordado em sala de aula. Ou seja, o aluno só conseguirá aprender algo, a partir do momento, em que forem oferecidas na escola condições de aprendizagem ao aluno. De que maneira? É propiciando momentos de discussão, de questionamentos, instigações e contestações em sala de aula, sempre com o monitoramento do professor. Será no contato com o novo, com as idéias diferentes, do ponto de vista de cada aluno e com o conhecimento do professor sobre o assunto posto em discussão, é o que o aluno irá sistematizar aquilo que é novo para si, com referência às questões que já são de seu conhecimento, ou seja, do senso comum (o que o aluno já sabia antes do conhecimento sistematizado).

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo proporcionar, por meio de um programa de leitura dinâmico e criativo, condições favoráveis de aprendizagem não só das estruturas da narrativa (narrador, personagens, tempo, espaço, caráter moral e ideológico, etc), mas também do próprio funcionamento da linguagem, seja verbal seja gestual. É possível, por meio das histórias, aprender a gramática da língua, a ortografia das palavras, sem se fixar pura e simplesmente na descrição e prescrição de regras gramaticais, que, aos olhos dos alunos, são assuntos chatos e complicados, ou seja, difíceis de se entender. É propiciando momentos de descontração e discussão de temas presentes nas leituras dos livros, é que o aluno terá condições de aprender o conhecimento sistematizado, ou seja, aquilo que é novo para ele. E isso só é possível, em geral, quando é permitido ao aluno questionar, instigar e querer conhecer mais sobre o assunto, coisa que não acontece com os programas e/ou roteiros de leitura conservadores já existentes no mercado. Por que? Porque esses roteiros de leitura tradicionais não proporcionam momentos de discussão e envolvimento do aluno com o assunto em questão, pois os mesmos não são considerados motivantes, interessantes e envolventes pelos estudantes, e sim, apresentam um caráter direcional, em que os alunos são postos a rastrear, no texto dado em sala de aula, as respostas para as perguntas, fato que, a nosso ver, é extremamente empobrecedor. Isso fará o aluno aprender alguma coisa? Certamente não, pois diante de um programa que não ofereça atividades construtivas e envolventes, o aluno provavelmente irá se sentir desmotivado para a leitura dos livros.

Dessa forma, um programa de leitura que aborde um panorama de atividades criativas, construtivas e envolventes, poderá ser de extrema importância para o aluno, pois o mesmo poderá aprender o sistematizado de forma atrativa e dinâmica, levando sempre em consideração, é claro, o conhecimento que o aluno já possui do mundo e do próprio universo da linguagem. Vale lembrar que a figura do professor, neste processo, é bastante importante, pois é ele quem deve criar condições de aprendizagem dentro da sala de aula. Não aquele que se porta de maneira autoritária, e sim um mediador do processo de ensino.

Uma breve análise dos programas de leitura dos livros didáticos

Analisando alguns programas de leitura presentes nos livros didáticos³ (do ensino fundamental), pudemos perceber a tamanha deficiência desses programas. Em muitos casos, as atividades propostas com os livros e textos (fábulas, contos, etc) resumem-se apenas a uma leitura do texto, comentários em sala de aula e um resumo da história, que é constantemente dado como atividade de avaliação aos alunos. Quando muito sugere-se a dramatização do texto lido. Percebe-se que a leitura, na sala de aula e nos livros didáticos, não é abordada de forma criativa e construtiva; ela é utilizada de uma forma muito artificial e sacrificante, o que a torna insuportável aos olhos dos alunos.

Em geral, os roteiros tradicionais trazem as seguintes atividades: (1) leitura do texto escolhido pela classe e pelo professor; (2) questionário sobre o texto lido; (3) discussão em sala de aula sobre o tema; (4) confecção de um resumo da história (para avaliação) e quando muito (5) a dramatização da história. No entanto, essas atividades em nada contribuem na construção de um leitor crítico e na sua formação social. Ou seja, nesse sistema de leitura, as informações novas não são sistematizadas pelo aluno. As informações entram e saem da cabeça do aluno como num passe de mágica. Talvez, possamos dizer que seja este método o responsável pela repulsa dos alunos pela língua portuguesa e pela leitura. Pois, logo que se pede para que os alunos leiam um livro, as perguntas e respostas são as seguintes: O livro é muito grosso? Quantas folhas? Tem figuras? É de criança? Inúmeras são as perguntas e as respostas dos alunos que revelam essa repulsa e o aborrecimento do aluno com a leitura.

Esse panorama catastrófico da leitura parece estar mudando no cotidiano das escolas, no entanto, mesmo com as aparentes e possíveis mudanças desse panorama, muitas das práticas escolares ainda continuam a restringir fortemente a oferta de leitura para a formação de leitores, conforme apontado por Galvão & Gomes Batista (1999).

No vale da pedra grande: um resumo da história

Era uma vez um lugar bem distante conhecido como vale da pedra grande. Tinha esse nome porque a maior montanha do vale tinha, em seu topo, uma grande pedra parecida com um ovo gigante. O vale era cortado por sobre pedras brancas e salientes. Lá viviam diversas espécies de pássaros, alguns mamíferos, répteis, insetos e outros seres vivos.

Lá existia uma família de pássaros pretos. Eram mais de cem e tinham a responsabilidade de despertar e adormecer o vale com seus gorjeios. Eles faziam seus ninhos nos ocos dos paus secos, aproveitando os buracos deixados pelos pica-paus. O líder do bando era um velho pássaro preto chamado Tinigrim. Todos o respeitavam, assim como a linhagem de sua família. Tudo, no vale, era marcado por um grande acontecimento. No inverno, a neblina cobria os campos e o rio. No

³ Nesta análise, não procuramos nos fixar apenas em um ou outro livro didático; procuramos fazer um recorte de alguns livros, e a partir daí, estipularmos as deficiências encontradas nos mesmos.

verão, o sol forte obrigava os animais a se refugiarem nas sombras das árvores. No outono, a fartura de comida, a primavera e o perfume das flores avisavam que era tempo de reprodução. Começava um ritual que se repetia ano após ano.

Naquele ano, a filha mais velha de Tinigrim, chamada Tina, se preparava para o acasalamento. Todos do bando queriam ser escolhidos; ela escolheu Biló, um pássaro grande e forte. Fizeram seu ninho, chocaram os ovos e finalmente nasceram os filhotes. Eram dois lindos e fortes passarinhos. À medida que suas plumagens iam se modificando, Tina e Biló começaram a ficar preocupados com um deles, que estava ficando totalmente branco. Várias reuniões foram realizadas no bando. Tinigrim não entendia o ocorrido. Especularam até a fidelidade de Tina, por ela ter sido vista algumas vezes com uma araponga macho. O caso era estranho demais. Até o Dr. Corujão foi consultado e nada pode fazer para explicar o caso.

O tempo passou e Branquinho, como ficou conhecido, tornou-se maduro. Cada dia passava, sua brancura aumentava mais. Tinigrim e toda família diziam gostar de Branquinho, mas a verdade é que ele sempre estava só. Tina acabou se desentendendo com Biló, que não entendia e nem aceitava o fato, e acabaram se separando. O sabiá era o único amigo de Branquinho, que o aconselhou a continuar no vale, quando disse que queria ir embora.

Vários invernos passaram. Mas naquele ano, o vale parecia deserto; a comida era pouca, as aves estavam famintas e a luta pela sobrevivência a cada dia se tornava mais acirrada. Tinigrim, experiente e conhecedor, descobriu uma pequena reserva de alimentos rasteiros em uma clareira encostada atrás da pedra grande, porém, lá moravam os famintos gaviões cará-cará. Tinigrim e seu bando teriam que correr o risco para se manterem vivos.

Do primeiro grupo de pássaros enviado ao local para buscar comida, apenas um conseguiu escapar das garras dos gaviões. O local era muito vigiado, e um objeto negro se movendo no espaço era facilmente identificável. O plano foi um fracasso total. Tinigrim e todo seu bando não sabiam o que fazer. Era o pior inverno de todos os tempos. Assim, diante dos problemas, Branquinho se ofereceu para tentar buscar comida. Por ser branco, os gaviões não conseguiriam vê-lo. Assim poderia passar pela clareira, pegar a comida e voltar. A primeira tentativa não deu certo, mas a segunda e as outras deram. A operação para atrair os gaviões até a catapulta foi um sucesso. Conseguiram em poucas viagens e manobras entre as árvores, afugentar todos os gaviões. Com isto, todos puderam sair do esconderijo e comer livremente na clareira. Tinigrim, Tina e Biló e todo o bando nunca mais duvidaram da capacidade de Branquinho. Ele, agora, havia se tornado o grande guardião do bando.

Vários anos se passaram e, um belo dia, surgiu um grande pássaro de plumagem azul, viajado e possuidor de grande conhecimento. Tinigrim, ainda preocupado, perguntou ao pássaro por que Branquinho tinha aquela cor. O pássaro respondeu que Branquinho era diferente apenas na cor; ele é um caso raro de pigmentação. Ele é igual a vocês. O grande pássaro disse que, além da cor, todas as outras diferenças foram vocês que criaram para ele.

Justificativas para o uso de programa de leitura

O motivo para a utilização de um programa de leitura, assim como o sugerido por Breves Filho, é fazer com que o professor possa ter condições de trabalhar suas atividades, com base em um plano de organização, seleção e discussão dos tópicos abordados na sala de aula, e de que ele possa ter condições de observar a aceitabilidade e o retorno dos alunos para com as atividades estipuladas pelo professor.

Uma outra justificativa é fazer com que o aluno se torne um leitor ativo, capaz de ler, compreender, criticar e produzir textos, a partir das leituras indicadas e trabalhadas pelo professor de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, a intenção do programa de leitura não é cobrar do aluno-leitor a memorização das histórias, das ações desenvolvidas pelos personagens, ou da produção de resumos e provas, e sim fazer com que o aluno sinta gosto pela leitura de um texto, e que possa compreender e/ou criticar a atuação dos personagens ou dos diferentes tipos de textos e, até mesmo, de criticar as pessoas que o cercam, mostrando aqui o caráter social da escola.

O processo tradicional de avaliação, centrado na aplicação de provas, no desenvolvimento de resumos e na produção de trabalhos escritos, não é, ao nosso ver, a melhor forma de testar o conhecimento e a capacidade de compreensão do aluno. Para nós, a melhor alternativa seria proporcionar ao aluno condições de uma leitura descontraída, sem o peso da obrigação. Sendo assim, poderíamos avaliar o aluno durante o desenvolvimento das atividades do programa de leitura; o que nos parece mais interessante, ao invés de cobrar atividades sem sentido e respostas memorizadas.

Objetivos do programa

O objetivo geral é formar o leitor e o "escritor" de textos, capaz de compreender claramente as histórias, o significados das mensagens, os aspectos morais e ideológicos das fábulas, e ter condições de contar, recontar e montar historinhas, juntamente com os seus amigos, família e escola, privilegiando a desenvoltura do aluno em público.

O objetivo específico é formar um leitor ativo, que se sinta integrado ao mundo da história, dos personagens e dos espaços da trama, que se sinta motivado pela leitura. A intenção é fazer com o aluno possa compreender o mundo da narrativa de uma forma descontraída, que possa entender o funcionamento da estrutura do texto, reconhecendo os elementos lingüísticos (advérbios de tempo, de lugar, interjeições, etc) e elementos não-lingüísticos (linguagem gestual, expressão facial – raiva, tristeza, dor, felicidade, etc.), responsáveis pela organização e funcionamento do texto. De certa forma, estes elementos deverão ser abordados de maneira clara e transparente, para que os alunos possam compreender sua importância, sem se tornar complexo e abstrato.

Tratamento metodológico

O programa de leitura proposto por nós é aplicável à 5ª e à 6ª séries do ensino fundamental, em razão de suas características e condições diversas (alunos, escolas com condições econômicas variáveis e estrutura física suficiente ou insuficiente, etc.)

Sujeitos:

As classes de alunos escolhidas para aplicação deste programa (ou qualquer outra classe de uma escola qualquer) deverão ser compostas de crianças com a idade que possa variar de 10 a 14 anos, desde o nível social baixo até as crianças com poder aquisitivo estável e/ou alto.

Material:

O material utilizado para compor o programa de leitura é composto pelo livro "*No vale da pedra grande*" de Apolônio Abadio do Carmo e de textos complementares referentes aos assuntos do livro, utilizado como objeto de trabalho, além de produção de cartazes e ilustrações presentes no livro "*No vale da pedra grande*".

Procedimentos didáticos:

a) Leitura das ilustrações do livro "*No vale da pedra grande*", com o intuito de compreender a expressividade dos personagens (principalmente do personagem principal, o Branquinho), a descrição dos personagens e dos lugares. No livro, a noção de espaço é muito bem trabalhada, juntamente com o espaço temporal. As estações do ano: verão, inverno, outono e primavera. Na trama da história, o inverno é um período que representa o sofrimento dos pássaros, dada a falta de comida, uma vez que os campos encontram-se todos cobertos de gelo e neblina. Neste sentido, pode-se enquadrar aqui, uma excelente atividade de sala de aula para os alunos, ou seja, o conhecimento das estações do ano, a sua importância na natureza e para os seres pertencentes a ela. Buscar explicações para questões do tipo: Por que os pássaros pretos estavam famintos e bravos? Porque os outros pássaros do bando não aceitavam o Branquinho? Qual era o motivo do espanto dos pássaros e o que imaginavam? Estas são questões que o aluno, por meio do seu conhecimento de mundo, da leitura das ilustrações e do próprio texto, pode responder.

b) A leitura do texto é importante para os alunos, porque esta atividade promove a compreensão do texto, dos personagens (Que tipo de personagens? São malvados, doces, carinhosos, bravos, amigos, feios, bonitos, inteligentes?), do enredo (desenrolar da história), clímax (ponto culminante da narrativa) e do desfecho (final feliz, triste, cômico, trágico, etc.) e, também, do funcionamento da linguagem. No caso do livro "*No vale da pedra grande*", os pássaros pretos não aceitavam Branquinho (filho de Tina e Biló), por ele ter nascido sem pigmentação. A situação só mudou quando Branquinho realizou um grande feito. Então, ele se tornou o guardião do bando. Aqui poderia ser abordado como tema complementar da aula a questão do preconceito de raças no Brasil.

c) Estudo da linguagem do texto escrito é importante para conhecer o estilo de texto e os recursos empregados em sua produção, vocabulário, diálogos de personagens, etc. No livro, em questão, a história é composta de um vocabulário simples, com poucas inversões de frases, e com predominância do discurso indireto (figura do narrador). É uma história que comporta várias temáticas, interessantes para discussão em sala de aula, como a questão da reprodução (dos pássaros), da natureza, dos animais, e da relação social entre os pássaros pretos (Chefe do bando, o conhecedor e o experiente, os responsáveis pela alimentação, etc.). É um livro que estabelece a noção de uma sociedade, de compartilhamento, dos problemas, das desconfianças (fidelidade de Tina), etc. Toda essas questões são expressas de forma clara e simples. Como sugestão para complementar as atividades propostas neste programa de leitura, seria interessante que fossem trabalhados, paralelamente a este livro infantil, outros livros que enfoquem as temáticas acima: preconceito, reprodução, a natureza, etc. Para isso, segue abaixo alguns títulos de livros que poderiam ser usados na complementação do programa.

- A temática da reprodução humana; livros que podem auxiliar o processo de compreensão do tema presente no livro:

CHARBEMNEAO, Paul E. *Namoro e Virgindade*. Ed Moderna: São Paulo, 1995.

VASCONCELOS, Naomi. *Amor e Sexo na Adolescência*. Ed. Moderna: São Paulo, 1995. (Coleção Polêmica)

GIKOVATI, Flávio. *Namoro: Relação de amor e sexo*. Ed Moderna: São Paulo, 1995.

- A temática do racismo; livros que podem ajudar e complementar a compreensão da questão do racismo na sociedade:

VALENTE, Ana L. E. S. *Ser negro no Brasil Hoje*. Ed. Moderna: São Paulo, 1987.

BERND, Zelá. *Racismo e Antiracismo*. Ed. Moderna: São Paulo, 1994.

GRUNSELL, Ângela. *Racismo*. Ed. Melhoramentos, 1997.

As classes seriam divididas em grupos e esses livros seriam distribuídos entre os grupos. Essa atividade poderia estar explicando algumas questões e/ou temáticas levantadas pelo texto base.

d) Como atividades pós-leituras, este programa de leitura pretende: a reescrita da narrativa, dando-lhe um outro desfecho; produção de cartazes com o intuito de proporcionar ao aluno o desenvolvimento de sua criatividade; leitura das ilustrações, com o objetivo de fazer com que o leitor consiga detectar as várias funções da ilustração, como a descrição dos personagens da história, suas expressões (alegria, o espanto dos pássaros ao verem o filho branco de Tina, filha de

Tinigrim), e a função simbólica: compreensão de outras interpretações presentes no texto. No livro “No vale da pedra grande”, os personagens representados pelos pássaros simbolizam, de certa forma, os homens e suas relações humanas.

Cronograma

Para o desenvolvimento do programa de leitura é necessário o período de 01 mês, ou aproximadamente, com três aulas semanais, com a duração de 45/50 minutos cada uma.

Considerações finais

A importância de um programa de leitura, assim como qualquer programa de atividades, é essencial para um bom processo de ensino/aprendizagem do estudante, no tocante a formação de um aluno, com condições perfeitas de um bom leitor, capaz de contrastar, questionar, avaliar, reconhecer aspectos que são importantes e necessários para sua formação cultural, social e profissional.

Sendo assim, podemos perceber que os programas de leituras abordados em salas de aula e nos livros didáticos fogem dessa nossa proposta, que é a de proporcionar ao aluno condições de aprendizagem de forma envolvente, dinâmica e prazerosa. O que não acontece com os roteiros tradicionais de leitura, que são, na maioria das vezes, direcionados com perguntas e “atividades” que não levam a lugar nenhum; apenas a um repeteço de informações não-sistematizadas pelos alunos, sem sentido algum. Percebe-se, dessa maneira, a deficiência dos livros didáticos, que não adotam uma postura mais humana e mais próxima da realidade do aluno com relação ao projeto de leitura.

Dessa forma, quando o professor entra em uma sala de aula equipado com um programa de leitura, como o proposto por nós, tem melhores condições de alcançar os seus objetivos, de ensinar o que fora previsto por ele, além de possibilitar plenas condições de avaliar e observar mais de perto o retorno e a aceitabilidade dos alunos para com as atividades propostas.

Um plano de atividades bem organizado e condizente com a clientela é de extrema importância para que o professor tenha condições de trabalhar em sala de aula, verificando as condições de seus alunos, os seus avanços e progressos. Em outros termos, o programa de leitura permite ao professor selecionar um texto e, assim, organizar as leituras e as atividades propostas para o texto, bem como o controle sobre as atividades produzidas pelo aluno.

Bibliografia

BREVES FILHO. *Um programa de leitura*, 1996. (mimeo).

CARMO, A. A. *No vale da pedra grande*. Uberlândia: Imprensa Universitária/ UFU, s.d.

GALVÃO, A. M. O. & GOMES BATISTA, A. A. Um pouco de história da leitura na escola primária. In: *Cadernos da TV Escola*, Brasília, 1999.

KRAMER, Sonia. Leitura e Escrita como experiência - seu papel a formação de sujeitos sociais. In: *Presença Pedagógica*, v. 06, nº 31, 2000.

LIBÂNEO, J. Carlos. *Tendências pedagógicas na prática escolar*. ANDE, nº 06, Ano 03, 1983.

OLIVEIRA, B. A. A Prática Social Global como Ponto de Partida e de Chegada da Prática Educativa. In: *Socialização do saber escolar*. São Paulo: Cortez: Outros Associados, 1988.

SOLIGO, Rosaura. Por trás do que se faz. In: *Cadernos da TV Escola*, Brasília, 1999.

_____. Para ensinar a ler. In: *Cadernos da TV Escola*, Brasília, 1999.

12. Bibliografia consultada e recomendada

CITELLI, A. Odair. Narrativas e narradores. In: *Cadernos da TV Escola*, Brasília, 1999.

_____. Componentes da narrativa: a personagem. In: *Cadernos da TV Escola*, Brasília, 1999.

NASCIMENTO, C. R. & SOLIGO, R. Leituras e Leitores. In: *Cadernos da TV Escola*, Brasília, 1999.

GERMANO, O. G. O mundo fascinante dos Livros: Biblioteca de Classe. In: *Salto para o Futuro*. Ensino Fundamental/Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

SUGESTÃO DE LEITURA

CURRÍCULO

**WALTERLINA BRASIL, IONE GRACE CIDADE
& IRANY DE OLIVEIRA MORAIS**
EDUFRO

RESUMO: O estudo do currículo vai além das questões relativas ao quê ensinar, ou ao como ensinar. Este estudo baseia-se na concretude epistemológica que o currículo pode representar e a relação entre conhecer e saber. Currículo passa então a ser entendido como uma forma do homem construir-se através do uso de um “filtro” que lhe possibilita uma transposição entre o conhecer natural, neutro, absoluto e o conhecer mais elaborado sistemático, valorado, referenciado, politicamente estratificado e cujo acesso constitui-se em uma definição universal da existência humana

SUMÁRIO: Questões pertinentes sobre a teoria do currículo; Currículo em Rondônia; falando sobre currículo em Rondônia; Uma leitura sobre o currículo em Rondônia.

Áreas de interesse: Educação.

Palavras-chave: Currículo escolar, Rondônia.